

FACULDADE JK /MICHELANGELO
UNIÃO NACIONAL DE ANALISTAS TRANSACIONAIS-BRASIL
UNAT-BRASIL
PÓS-GRADUAÇÃO EM ANÁLISE TRANSACIONAL

Conhecendo o Demônio: Uma análise sobre a Pulsão do
Script

FLÁVIO LUIS DUARTE

Uberlândia – MG

2015

FLÁVIO LUIS DUARTE

Conhecendo o Demônio: Uma análise sobre a Pulsão do *Script*

Artigo de conclusão de curso apresentado à Faculdade JK/ Michelangelo e à União Nacional de Analistas Transacionais-Brasil, como requisito parcial de Curso de Pós-Graduação em Análise Transacional, para obtenção do Título de Especialista em Análise Transacional.

Orientadora: Mary Luce Mariano S. Melazzo

Uberlândia – MG

2015

Conhecendo o Demônio: Uma análise sobre a Pulsão do *Script*

Knowing the Daemon: An analysis about the Script's Drive

Flávio Luis Duarte - flaviold@gmail.com

Faculdade J.K / Michelângelo
UNAT – Brasil – União Nacional de Analistas Transacionais

Resumo

No presente artigo é abordada a entidade Demônio, assim nomeada por Eric Berne, responsável por retrocessos significativos no processo psicoterapêutico. Esta manifestação são ímpetos e impulsos da Criança herdados de suas figuras progenitoras, que têm como ideia a superação do *Script*, mas que, no final, acabam por levá-la a um nível mais profundo neste último, reforçando-o. É um fator relevante no processo terapêutico, visto seu poder em atrapalhá-lo ou até interrompê-lo antes da cura do paciente. O objetivo deste trabalho é explorar mais sobre esta força no âmbito da Análise Transacional, a fim de preencher uma lacuna nela existente a respeito do assunto. Exploram-se aqui questões tais como a definição do Demônio, sua origem, dinâmica e seus efeitos, procurando contextualizar esta manifestação no mecanismo do *Script* e na Análise Transacional.

Palavras-chave: Análise Transacional. *Script*. Demônio. Provocação. Pulsão. Compulsão.

Abstract

This paper address the Daemon entity, so named by Eric Berne, responsible for significant setbacks in the psychotherapeutic process. This manifestation are urges and impulses of Child, inherited from the progenitors, whose idea is to overcome the Script, but, in the end, turn out to take it to a deeper level, reinforcing it. It is a relevant factor in the therapeutic process, since its power on disturb or even stop it, before curing the patient. The objective of this paper is to explore more about this force within the Transactional Analysis, in order to fill an existing gap about the subject. It's explored here issues such as the definition of the Daemon, its origin, dynamics and effects, seeking to contextualize this event in the Script engine and in the Transactional Analysis.

Key-words: Transactional Analysys. Script. Daemon. Come-on. Drive. Compulsion.

Introdução

Desde sua concepção, a Análise Transacional vem se mostrando muito eficiente em proporcionar a cura das questões emocionais. Como uma psicoterapia sistematizada para o crescimento e a mudança pessoal, de linguagem e assimilação fáceis em que até uma criança consegue entender e aplicar seus conceitos, ela permite que o próprio indivíduo caminhe em seu autodescobrimento e desenvolvimento, em busca de Autonomia. Conforme Berne (1995), a Autonomia é a conquista de três capacidades: consciência, espontaneidade e intimidade. Mas, mesmo com toda a praticidade e empoderamento que esta teoria fornece, existem situações nas quais metodologia, técnicas e processos perdem seu poder, permitindo ao indivíduo regredir em boa parte do que foi conquistado no processo psicoterápico. Uma destas situações é a atuação do Demônio, definição de Eric Berne para o que parece ser uma pulsão de vida e/ou de morte. nos moldes de Freud.

Esta força, de acordo com Berne (1995), é responsável por estimular o indivíduo a executar movimentos súbitos contra o *Script* e até mesmo o *Contra-Script*. Uma vez manifesta, dificilmente o profissional e, até mesmo, o indivíduo conseguirão interromper a ação desta entidade visto sua força de caráter inconsciente e visceral e, conseqüentemente o indivíduo acabará por executar mais uma vez a programação de seu destino, que pode resultar desde uma simples falta a uma sessão da terapia ou até na pior das hipóteses, um suicídio.

Assim sendo, em vista da relevância do assunto, resolveu-se abordar mais profundamente este tema, pouco explorado no âmbito da Análise Transacional e sua forma de psicoterapia. O objetivo deste trabalho é reduzir esta lacuna existente sobre a questão no contexto da Análise Transacional. Explora-se aqui a definição e origem desta força, sua fenomenologia, a contextualização da questão no *Script* de vida do indivíduo e também no processo de psicoterapia. Explora-se o assunto com abordagem também nos conceitos primordiais das Pulsões na Psicanálise de Freud, responsáveis pela clássica compulsão de repetição. Apresenta-se, também, uma discussão relacionando o Demônio com a questão do medo e ameaça à Zona de Conforto do indivíduo e como um mecanismo de sobrevivência do ser humano.

Manifestação e Fascínio

Desde o início de seus trabalhos na Análise Transacional, Berne sempre se mostrou muito preocupado em não somente descrever sua teoria como também explicar e exemplificar todo o processo de psicoterapia. Também ficava clara sua preocupação com a cura das

questões de seus pacientes sendo que criticava, sempre que julgava necessário, aqueles que insistiam no pensamento de que era impossível curar o paciente com menos de alguns anos de psicoterapia. Uma sentença clássica desse pensamento é citada por Steiner (1994, p. 6): "Um Analista Transacional tentará curar seu paciente na primeira sessão. Se não conseguir passará a semana seguinte pensando, e tentará curá-lo na segunda sessão e assim por diante, até que se obtenha êxito ou admita o fracasso."

Nos escritos de Berne (1995), podemos perceber certo fascínio pelo que ele próprio denominou de o "Demônio" do *Script*. Responsável por muitos fracassos terapêuticos, o Demônio, como por ele definido, seria "o bufão da existência humana e o coringa na Psicoterapia." (p.109), "o súbito empurrão sobrenatural que determina o destino de uma pessoa, uma voz da Idade do Ouro, inferior aos Deuses, mas superior à humanidade, talvez um anjo caído" (p.224).

Este fascínio que parecia existir entre Berne e a questão talvez se deva ao aspecto da imprevisibilidade e incoercibilidade da manifestação, o que retira do psicoterapeuta e do próprio paciente qualquer possibilidade de resposta em tempo hábil para tentar controlar ou mitigar a situação e que, conseqüentemente, impede sua tão cobiçada cura.

Do ponto de vista da Análise Transacional, baseando em sua definição da manifestação, podemos dizer que o Demônio seria a força maior que persegue, pressiona e submete a Criança do paciente, seduzindo-a, empurrando-a contra seu *Script*. O resultado final desta dinâmica geralmente acaba sendo o reforço deste último, a confirmação da razão da existência das Injunções que, em sua essência, é a confirmação das crenças do indivíduo.

Um entendimento do mecanismo do *Script* se mostra necessário para melhor situar e entender a manifestação e dinâmica do mesmo.

O Mecanismo do *Script*

Berne (1995) conseguiu enxergar o caminho de vida de um ser humano de um ponto de vista muito detalhista e peculiar, conseguindo fazer amarrações entre trabalhos e conceitos de diversos autores com outros de sua própria autoria, criando uma teoria que pode explicar de forma abrangente a origem da personalidade e destino de um indivíduo. Tal teoria, chamada de teoria do *Script* de Vida, faz parte da Análise Transacional, teoria e método psicológico criado por ele no final da década de 50.

Berne observou que, de forma geral, as pessoas se comportam em sua fase jovem e adulta conforme padrões que foram criados logo na infância, por conta de influências de seus

progenitores ou pessoas que tiveram a mesma importância que estes. De forma geral e resumida, ele explica que o *Script* começa com o que ele chamou de uma Maldição, uma ordem parental, que se torna inconsciente ou pré-consciente, de como a pessoa deverá terminar sua vida. Compondo esta maldição, estão as Injunções que são também passadas pelos pais, que são negativas que impedem a criança de sair de seu *Script*. À medida que estas negativas são aceitas pela criança, são internalizadas no inconsciente e ela começa a entrar num padrão de comportamento que é direcionado ao cumprimento da Maldição (BERNE, 1995). Obviamente o *Script* não é assim tão rígido, ou seja, o indivíduo não obrigatoriamente irá cumprir a Maldição. Podem existir mais opções para o seu destino e, se as Injunções não forem tão poderosas, em seu percurso de vida, o indivíduo poderá conseguir se desfazer da Maldição ou poderá criar outro destino alternativo a ela, conscientemente. Mas o mais importante de tudo isto é que, visto que o *Script* surge nos primórdios da vida, este fica “entranhado” no indivíduo, algumas vezes de uma forma que pode ser considerada visceral. As restrições psicológicas na vida de uma pessoa podem começar já mesmo na gestação (BERNE, 1995).

Erskine (1980), por exemplo, defende que a cura do *Script* deve ocorrer nos níveis comportamental, intrapsíquico e fisiológico. Enquanto que os dois primeiros implicam em trabalho no nível comportamental, cognitivo e afetivo, o último implica em trabalho com abordagens que levam a mudanças somáticas, pois, neste caso, o *Script* está em um nível fisiológico. No período que precede o desenvolvimento intelectual (antes dos 3 anos), visando a autoproteção, a criança responde a situações traumáticas, Injunções ou necessidades não atendidas de uma forma corporal, sendo que, desta forma, o processo do *Script* acontece dentro do tecido corporal como uma reação de sobrevivência. Estas reações do corpo podem ser de origem muscular e/ou químicas e correspondem a um fechamento fisiológico das necessidades de conforto que não foram satisfeitas, um desligamento ou inibição dentro do corpo que suprime as necessidades não atendidas e emoções relacionadas (Erskine, 1980). As abordagens para este nível de *Script* vão de Terapia Corporal a dietas próprias e atividade física e recreacionais que elevem o fluxo de energia e movimento do corpo.

Desta forma, com toda essa informação, podemos perceber claramente o poder que existe do aspecto inconsciente e corporal do indivíduo na questão do encaminhamento de seu *Script*. E é também neste ponto que percebemos a chance e o poder de ação do Demônio.

Os Elementos do *Script*

Em Berne (1995), principalmente em seu percurso sobre os sete elementos do aparato do *Script*, conseguimos perceber, após certa atenção, a existência de um movimento autossuficiente dentro do *Script*, um círculo vicioso que, de acordo com ele, movimenta a pessoa até o cumprimento de seu Destino Final. Este movimento fica mais claro quando ele relaciona o Demônio com as outras entidades do aparato, o Desfecho Final, as Injunções, o Programa, o Anti-*Script* e, em especial, com a Provocação e o Contra-*Script*.

O Demônio, como nomeado por ele, encontra-se na Criança do indivíduo e tem uma origem profundamente inconsciente (BERNE, 1995, p. 98 e 104). Considerando-se o Diagrama Estrutural de Segunda Ordem, ele se apresenta na Criança da Criança (C1) e, ainda de acordo com o autor, sua manifestação é um estopim da movimentação do *Script*. Lendo suas escritas (BERNE, 1995), nota-se que a manifestação parece tanto ser invocada pela Provocação (*Come-on*), quanto também parece invocar por si própria esta última, como uma tentativa de obter permissão para a ação. Berne, em alguns momentos, chega a chamar a Provocação também de Demônio (BERNE, 1995, p. 224), mas este tem uma diferença crucial com o outro. Ele tem origem no Pai Crítico de Segunda Ordem (P1) das figuras parentais e se instala no Pai Crítico de Segunda Ordem (P1) da criança (BERNE, 1995, p. 104). Enquanto que o Demônio do Pai (P1) parece realizar um convite ao *Script*, o Demônio da criança (C1) é um impulso a agir contra este mesmo *Script*, numa tentativa de vencê-lo e conseguir sua libertação. Este movimento parece de início estranho. Por que a Criança aceitaria o desafio feito pelo Pai visto que o convite deste é a favor do *Script*? Pode-se dizer que a Criança não “percebe isto”; assim, acredita cegamente que vai conseguir atingir seu objetivo de vencer o *Script*. Mas o Pai demoníaco sabe que ela não vai conseguir. É uma armadilha inconsciente, de uma conversa demoníaca.

As figuras abaixo ilustram as duas possibilidades desta conversa no nível da Criança do indivíduo (C2) sugerida pelo autor. Na primeira figura, a Provocação atua como um estimulador, seduzindo o Demônio da Criança para o impulso. Na segunda figura ela atua mais como um Permissor, visto que a criança demoníaca já está com energia suficiente para o impulso. As numerações de 1 a 3 indicam a ordem cronológica dos eventos nos respectivos contextos.

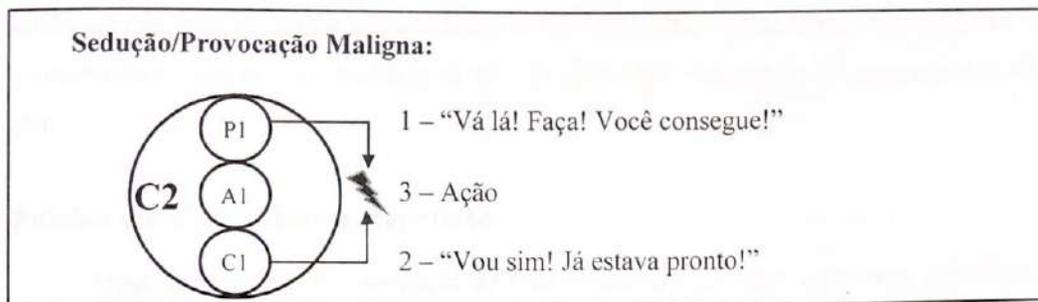


Figura 1 - A sedução da Provocação

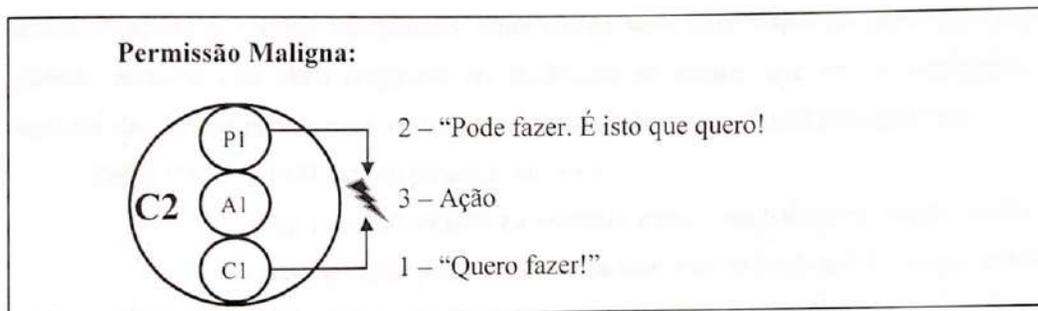


Figura 2 - A permissão da Provocação

Uma vez iniciada a ação, este movimento contra o *Script*, o indivíduo irá pisar em um chão inseguro e desconhecido de sua vida, e suas Injunções irão se manifestar em todo seu poder e, se não estiverem trabalhadas o suficiente, irão vencer este movimento, que podemos chamar de “para a vida”, retrocedendo a pessoa ao estado anterior. Uma vez de volta à estaca zero, a pessoa, em desgosto por mais uma dolorosa, frustrante e recorrente derrota, acaba reforçando seus medos e crenças. Outras tentativas virão e o resultado dependerá muito da força do *Contra-Script* e das Injunções. O *Contra-Script* é uma prescrição para o indivíduo utilizar o tempo enquanto se espera o tempo de entrar em ação (seu *Script* no caso) e apresenta a forma de preceitos morais e conselhos sugeridos pelos pais e a cultura (BERNE, 1995). Parte destes conselhos parentais surge numa tentativa consciente dos pais de tentar reverter a movimentação do *Script* do filho quando isto se torna observável, geralmente no início da adolescência. Mas tais conselhos podem ser considerados tardios demais e sem potência para lidar com o *Script* que já está instalado e reforçado.

A manifestação do Demônio decorre da simples e inerente necessidade do ser humano de viver, por mais que isto seja difícil de acordo com as crenças que lhe foram passadas. Todo este movimento pode ocorrer em questão de segundos, e é parte da engrenagem mor, o núcleo do *Script*. O movimento do *Script* não necessariamente ocorre sob a influência do Demônio,

sendo um movimento regular na vida do indivíduo. Este último geralmente se manifestará em situações mais críticas e/ou decisivas da vida do indivíduo, carregando ele novamente ladeira abaixo.

Pulsões e a Compulsão a Repetição

Freud foi pioneiro na teorização do inter-relacionamento dos fenômenos somáticos e psíquicos do organismo, embora naquela época não houvesse aparato tecnológico suficiente para mapeamento visual corporal, especialmente no que diz respeito ao cérebro. Uma de suas teorias clássicas é a teoria das pulsões. Uma pulsão seria uma reação do organismo a um estresse corporal ('tensão') originado por estímulos da psique, que leva o organismo a suprimir este último para que ele volte a seu estado anterior, numa busca por equilíbrio.

Freud (1915, p.142) definiu pulsão como sendo:

Um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam no corpo, dentro do organismo, e alcança a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo.

Laplanche e Pontalis (1996, p.394) as definem como:

Um processo dinâmico que consiste numa pressão ou força que faz o organismo tender para um objetivo. Segundo Freud, uma pulsão tem a sua fonte numa excitação corporal; o seu objetivo ou meta é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir suas metas.

Como resultado de seu trabalho, Freud definiu duas categorias de pulsões: as pulsões de vida e de morte.

As pulsões de vida abrangem as pulsões sexuais propriamente ditas e as pulsões que visam a auto conservação do organismo. Estas manifestações tendem não apenas a conservar as unidades vitais existentes, mas também a constituir, a partir destas, unidades mais abrangentes.

As pulsões de morte são voltadas inicialmente para o interior e, tendendo à autodestruição, seriam secundariamente dirigidas para o exterior, manifestando-se então sob a forma da pulsão de agressão ou de destruição (LAPLANCHE e PONTALIS, 1995, p. 407).

Estas têm a aparente função de fazer o organismo retornar a um estado anterior, a que Freud se referiu de “anorgânico”.

Freud (1920) disse que a compulsão à repetição está intimamente ligada à pulsão de morte. Deixando de lado o mérito da discussão que é de um fim filosófico profundo, podemos dizer que a compulsão de repetição é uma tendência à repetição de acontecimentos infelizes da infância. É um processo de origem inconsciente no qual o indivíduo se coloca em repetição de experiências antigas, penosas. Devido ao caráter inconsciente, durante o processo o indivíduo não se recorda do arquétipo da experiência e como consequência tem a impressão de que se trata de um acontecimento plenamente contextualizado na realidade atual. O mais importante de tudo isto é que a maioria destes acontecimentos repetidos são acontecimentos que não foram fechados devidamente, ou seja, são uma *gestalt* incompleta que, no ponto de vista da A.T, são fechadas de forma substitutiva pelas Conclusões da criança a respeito do porquê de estas mesmas necessidades não terem sido satisfeitas (*Gestalt Fixada*), que são em seu fim as Decisões do *Script* (ERSKINE, 1980). “A compulsão de repetição é um intento da mente reparar o que está errado. A diferença básica entre *Script* e a Compulsão à Repetição é que no *Script* há uma pseudo-atualização dos fatos” (SILVEIRA, J. 2015). Logo, desta forma, podemos pensar que a compulsão à repetição pode também ser uma pulsão de vida, pois tenta resolver questões incompletas, mal resolvidas da vida do indivíduo.

Os conceitos de Pulsão e de Compulsão à Repetição ajudam a entender a ideia do Demônio descrita por Berne. Conseguem explicar a essência da origem e da recursão de sua manifestação na vida do ser-humano. A própria Compulsão à Repetição é mencionada em Berne (1995), mas o assunto foi pouco explorado. De certa forma, os dois conceitos da Psicanálise e o da Análise Transacional estão contidos um no outro. Entretanto, Berne procurou os abordar na perspectiva da Análise Transacional, contextualizando-os principalmente na Análise Estrutural e no conceito e dinâmica do *Script*.

Zona de Conforto e mecanismos de sobrevivência

De acordo com White (2009), a Zona de Conforto é um estado comportamental dentro do qual uma pessoa exerce funções em um estado de ansiedade neutro, utilizando um conjunto limitado de comportamentos para entregar um nível constante de desempenho, geralmente sem um sentido de risco. Ou seja, se constitui de ações, pensamentos e comportamentos comuns a uma pessoa que não a causam nenhum tipo de medo, ansiedade ou risco. É um ambiente onde o indivíduo se sente nada ou pouco ameaçado.

No ponto de vista da Análise Transacional, esta questão parece ter certa correlação com a dinâmica do Demônio. Com base nela, podemos dizer que a Zona de Conforto de um indivíduo é em muito criada baseada naquilo que suas Injunções lhe permitiram fazer e naquele pouco que ele conseguiu ir além delas durante sua infância e juventude. Como tudo isto tem origem ainda na infância, esta estrutura pode chegar à fase adulta da pessoa extremamente consolidada. São bem conhecidas as limitações que enfrenta alguém por conta de uma Zona de Conforto restritiva, como relações familiares e sociais restritas, desempenho profissional reduzido ou mínimo, subutilização de talentos, sentimento de insatisfação e infelicidade, e outros. Qualquer ameaça de rompimento da Zona de Conforto poderá representar dificuldade e estresse para o indivíduo, visto que o ambiente fora dela é pouco explorado e que ele não possui experiência de vivência suficiente neste ambiente, podendo este ser considerado hostil.

É de bom conhecimento da ciência hoje a propriedade da seletividade cerebral no que tange às informações que chegam para seu processamento e o que é realmente processado. Um exemplo bem ilustrativo e casual ocorre quando o indivíduo resolve comprar um novo carro. Ele ficará surpreso com a quantidade de carros existentes do mesmo modelo daquele que ele escolheu. Mas esta surpresa aparecerá somente depois de tomar a decisão da escolha do modelo, pois até aí, seu cérebro ainda aplicava a seletividade nas informações de carros que chegavam até ele, incluindo o modelo que ele não havia ainda escolhido. Agora que o modelo do novo carro foi definido, a seletividade se aplicará a ele de outra forma, não como um objeto a ser ignorado em seu processamento, mas sim um objeto a ser considerado.

O objetivo desta seletividade parece ser a própria sobrevivência. Quanto menos informação o cérebro necessitar processar, menos energia ele terá que gastar (PINKER, 1998). Pode-se relacionar sem muito esforço a questão da seletividade cerebral com a da Zona de Conforto. A Zona de Conforto é um ambiente em que o cérebro sofre pouco estresse, que não terá que realizar trabalhos extras, e que, conseqüentemente, não gastará muita energia, pois é um ambiente conhecido, já trabalhado e, de certa forma, previsível. A figura 3 ilustra esta visão.



Figura 3 – Injunções criam e sustentam uma zona de conforto e sobrevivência garante sua manutenção - Fonte: Autor.

Novas experiências demandam muito trabalho ao cérebro, exigindo dele mais energia. Quanto mais forte a Zona de Conforto, resultado de fortes Injunções, maior será o estresse cerebral para sair dela e maior poderá ser a pulsão para manter-se nela. Podemos somar a isto também o mal-estar corporal (ansiedade, hipotensão, etc) que pode ser gerado por este estresse, o que poderá dar ainda mais força para a impulsão.

Neste caso, este medo do novo, mental e visceral, é a força, a pressão do Demônio do Pai - a Provocação - resultado das Injunções da infância. Fazendo-se uma comparação com a definição de Laplanche e Pontalis (1996) feita anteriormente, podemos enxergar a excitação corporal e a tensão por eles referidas como sendo a ameaça à sobrevivência decorrente da iminente extrapolação da Zona de Conforto e, o objetivo e meta como a garantia do estado atual do indivíduo, de conforto e ausência de estresse.

Afrontando

Inibir a manifestação do Demônio parece uma hipótese impossível, necessitando-se talvez de somente a perspectiva da vida e do querer viver para sustentar tal impossibilidade. A pulsão de vida irá alavancar o indivíduo contra o *Script*, mas suas Injunções não se deixarão vencer facilmente. Irão emergir em sua psique, atormentando-o, desestabilizando-o. No seu organismo iniciará uma pequena ansiedade, que logo poderá ficar insustentável. Junta-se a tudo isto o medo, que já era grande, a pouca experiência e a insegurança com a situação - nova ou não - que está para ser experimentada e seu organismo logo estará em um estado insuportável, em seu limite físico e/ou mental, obrigando-o praticamente que por uma questão de sobrevivência, a dizer a si mesmo: “Eu não aguento. Desisto”. As sensações e sentimentos advindos da nova derrota serão mais intensos que o último episódio, e irão encaminhá-lo ainda mais para o *Script*. O medo dentro de si ganhará mais poder. Sua Zona de Conforto se reforçará tornando-se mais difícil ainda se arriscar fora dela. Poderá também se estreitar,

aumentando ainda mais suas limitações. Até mesmo suas Injunções ganharão com a disputa, pois agora estarão ainda mais fortes, embasadas pela experiência. Suas figuras parentais tinham razão: “Eu não posso ser”, “eu não posso existir”, “eu não posso me aproximar”, “eu não posso pertencer”, entre outras.

A dinâmica desta narrativa pode ser construída sem dificuldade através da leitura de Berne (1995). Embora seja um pouco dramática, é mais ou menos o que uma pessoa com um forte *Script* pode vir a enfrentar durante seus dias. Evitar a manifestação do Demônio parece impossível, mas acredita-se aqui que podemos mitigar relativamente sua manifestação e efeitos, criando mais chances para que a Autonomia seja a vencedora e o indivíduo consiga avançar contra o *Script*.

De certa forma, medos parecem ser a origem – força motriz – da Provocação, enquanto que o Princípio do Prazer (FREUD, 1920), junto com as ideias da Pulsão de Vida, parecem reger a movimentação do Demônio da Criança. De acordo com o Princípio do Prazer, a mente funciona de modo a buscar o prazer e evitar o desprazer. No caso do Demônio da Criança, o *Script* pode ser visto como um empecilho na conquista do prazer e, neste caso específico, principalmente aqueles prazeres que lhe foram proibidos ainda bem cedo. Daí faz sentido seus ímpetos e impulsos em tentar satisfazê-los. A Compulsão à Repetição parece ter origem na disfunção do Ego, em suas funções que garantem a autonomia em relação ao ambiente e aos impulsos instintuais, sendo que, quando não estão bem desenvolvidas ou se tornam comprometidas por doenças, o comportamento individual se torna menos flexível e assim tem-se um aumento na repetição estereotipada de padrões passados (FREUD, 1920).

A partir de tudo isto, temos uma direção que pode ser tomada para trabalhar mais toda a questão do Demônio: o fortalecimento do autoconhecimento e consciência. A psicoterapia em Análise Transacional dispõe de muitas abordagens para estes propósitos. Em seguida discute-se algumas, consideradas mais relevantes, sob o aspecto da manifestação das Pulsões do *Script*.

Permissão e Proteção

Permissão é uma transação específica que ocorre entre o terapeuta e o paciente em um dado momento da terapia, na qual o terapeuta efetua uma mudança na direção do comportamento ou atitude do paciente que, antes deste momento parecia impossível ou insustentável (CROSSMAN, 2010). É um movimento do terapeuta em relação ao paciente nos quais o primeiro fornece ao segundo a Permissão de executar uma ação que geralmente vai contra seu *Script*, como por exemplo, Permissão para se divertir, que ele nunca teve por

consequência das Injunções herdadas de seus pais. Mas não basta dar a Permissão. O terapeuta tem que garantir um mínimo de segurança ao paciente para que ele possa executar a ação, pois, do contrário, este pode vir a enfrentar situações que podem colocá-lo em risco, na pior das hipóteses, em risco de morte.

A Permissão e Proteção andam lado a lado com o combate ao Pai Crítico e suas Injunções. Muitas vezes as proibições herdadas pelo indivíduo são fortes demais ao ponto de que simplesmente fornecer uma Permissão não será suficiente. Neste caso, as crenças que jogam contra a Permissão precisam ser enfraquecidas para que o paciente sinta segurança em executá-las, e para tal, o terapeuta necessita ter pelo menos a mesma Potência que as figuras parentais do indivíduo, caso contrário não haverá credibilidade suficiente para que este último absorva realmente as informações que lhe são passadas. Esta segurança é muito importante porque permitirá ao indivíduo mais sucesso no embate as Injunções já discutido, lembrando também que o movimento da Permissão muitas vezes é contra a Zona de Conforto do indivíduo, o que poderá acarretar todos os efeitos já mencionados anteriormente.

Enfraquecimento das Proibições

As Injunções estão presentes no Pai da Criança (P1) do indivíduo. Foram aceitas pela pessoa após muita repetição delas por parte de suas figuras parentais, durante sua primeira e segunda infâncias. Sua força e poder são incontestáveis. É necessário um trabalho paciente e eficaz na destruição das Crenças, pois, se for feita muita pressão sobre o indivíduo, este pode, sem dificuldade, voltar para o lado do *Script*, conforme discutido anteriormente.

O paciente em terapia está, de certa forma, em constante conflito com seu *Script*. Se o terapeuta não estiver consciente do grau de preparo do paciente em relação a determinada questão a ser tratada, principalmente no caso das questões mais inconscientes, ele corre o risco de ter uma resposta súbita negativa definitiva ao trabalhar estas questões, como por exemplo, um abandono da terapia pelo paciente ou, na pior das hipóteses, algum tipo de agressão ao profissional. É difícil estabelecer um limite para uso da força na destruição das Crenças. Cada caso será um caso diferente e, no fim, esta decisão vai se basear muito mais na experiência e Intuição do terapeuta que em estatísticas. Abandonar as Injunções e ter Autonomia é crucial para a libertação de qualquer indivíduo de seu *Script*.

Berne diz que a Provocação é o desafio decisivo do terapeuta, visto sua força e caráter inconsciente e sua capacidade de oprimir a Criança do paciente.

Sua neutralização permitirá que a Criança tenha Permissão para viver livre e reagir espontaneamente diante da programação parental contraditória e das ameaças que surgem da desobediência destas últimas (BERNE, 1995, p. 105).

Conclusões

Propôs-se neste trabalho explorar questões relativas ao Demônio do *Script*, desde sua definição até sua dinâmica de funcionamento sob o ponto de vista da Análise Transacional. Este impulso é um fator importante na psicoterapia devido ao seu poder em retrocedê-la ou interrompê-la. Impedir a manifestação desta entidade parece impossível, visto seu caráter auto conservador de origem primitiva e, conseqüentemente, inconsciente. Sua origem está atrelada à própria necessidade de sobrevivência do indivíduo, seja pela vida ou pela morte.

Sob a ótica da Análise Transacional, o Demônio trabalha em conjunto com a Provocação. O primeiro são ímpetos e impulsos da Criança que combatem o aparato do *Script* do indivíduo e constitui-se da própria essência de sua Criança (C1). O segundo é o responsável pela conduta de Desfecho do *Script*, e é uma herança dos pais (P1). Os dois parecem trabalhar numa espécie de interdependência, na qual a Provocação (também chamado de Demônio do Pai por Berne) precisa da ação da Criança Demoníaca, enquanto que a Criança Demoníaca precisa do incentivo – estímulo - ou da Permissão desse Pai. O Demônio do Pai procura aliciar o Demônio da Criança a conseguir o que quer ou, às vezes, somente fornece uma Permissão para o Demônio da Criança, que já está ansioso a agir. Uma vez que o movimento da C1 é disparado, o indivíduo entra em duelo com seu *Script* através de seu *Contra-Script*, suas mensagens boas de como viver. Mas, como este último é mais fraco, ele acaba sucumbindo perante o primeiro e, como consequência, o indivíduo reforça suas Crenças, tornando tentativas futuras ainda mais frustrantes e doloridas. Sua Zona de Conforto é reforçada e muitas vezes reduzida. Como a necessidade de viver e a esperança são entidades quase imortais, este impulso logo ressurgirá, reiniciando o ciclo.

Sob a ótica da Psicanálise, os Demônios do *Script* são Pulsões de morte e/ou vida. E como tal, tentam restabelecer o organismo a um estado anterior a uma situação, ou impulsioná-lo em uma tentativa de correção de alguma questão, visando a sobrevivência do próprio indivíduo.

O caráter inconsciente destes impulsos e sua herança a partir das figuras parentais do indivíduo leva à necessidade do psicoterapeuta considerar não somente as questões do próprio indivíduo, como também as questões dos pais no processo terapêutico. Neste caso, as

estruturas a serem consideradas nos pais é o Estados de Ego Criança, especificamente a C1 e P1, Estruturas de Segunda Ordem do Diagrama de Estados de Ego, onde estão as questões mais inconscientes de qualquer indivíduo e a origem dos impulsos do Demônio. O reforço do autoconhecimento e consciência parecem ser a chave para lidar com a questão e, neste caso, o Adulto do indivíduo deve ser em muito trabalhado.

Referências

- BERNE, Eric. *O que Você Diz Depois de Dizer Olá?* São Paulo: Nobel, 1995.
- STEINER, Claude. *Scripts People Live*. Nova Iorque: Grove Press, 26 de Janeiro de 1994.
- FREUD, Sigmund. (1915). *Instinto e suas Vicissitudes*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- FREUD, Sigmund. (1920). *Além do princípio do prazer*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- LAPLANCHE, Jean.; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário de Psicanálise*. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- WHITE, Alasdair. *From Comfort Zone to Performance Management*. ISBN: 978-2-930583-01-3. 2009.
- BROWN, Mike. *Comfort Zone: Model or Metaphor*. Australian Journal of Outdoor Education 12(1), 3-2. 2008.
- STEINER, Claude. *Script e Contra-Script*. 1971 | 1997 - Prêmios Eric Berne. 2010.
- GOULDING, Robert; GOULDING, Mary. *Injunções, Decisões e Redecisão*. 1971 | 1997 - Prêmios Eric Berne. 2010.
- CROSSMAN, Patrícia. *Permissão e Proteção*. 1971 | 1997 - Prêmios Eric Berne. 2010.
- ERSKINE, Richard. *Script Cure: Behavioral, Intrapsychic, and Physiological*. Transactional Analysis Journal, Volume 10, Número 2, Abril de 1980, p. 102-106.
- BERLIN, Heather; HOLLANDER, Eric. *Understanding the Differences Between Impulsivity and Compulsivity*. Psychiatric Times (www.psychiatrictimes.com). Julho de 2008. Acessado em 20 de Setembro de 2015.
- PINKER, Steven. *Como a Mente Funciona*. Companhia das Letras. 1998.

SILVEIRA, José. Script de Vida, sua relação com Compulsão e Repetição e com Gestalt incompleta ou Fixada. Disponível em: <<http://www.josesilveira.com/teoriascriptdevida.htm>>. Acesso em 22 de Setembro de 2015.

